

# VINTE E SETE DE SETEMBRO

David Gomes

ERA VINTE E SETE DE SETEMBRO. Para mim, não era data especial. Só mais um dia. Acordei cedo, e fui, então, comprar pães a cinco ruas de minha casa. Não, eu não sou do tipo que come pães, mas era vinte e sete de setembro – não era uma data especial.

Já na primeira esquina um cachorro sarnento que remexia o lixo em busca da vida. Mais à frente, uma família fazia o mesmo. Eu não pude parar para ajudar, pois a nova lei imposta foi que: ninguém deve ajudar os pobres e os vagabundos, sequer os animais de rua. Era a ditadura do egoísmo. E se eu fosse pego ajudando? Além da multa eu ainda poderia acabar perdendo o emprego e a família. Ninguém quer um parente generoso em casa hoje em dia.

Eu cheguei na padaria de cabeça baixa e nem dei bom dia, pois o preço do pão é maior para os educados. Existe uma lei de que quem cumprimenta deve pagar a mais por encher a paciência do outro. E na entrada tem uma placa dizendo: é proibido sorrir, sujeito à expulsão.

Quando eu era criança, eu sorri em público uma vez, e vi minha família ser jogada de um restaurante chique. Não entendi nada, mas fiz tudo igual.

Na volta da padaria, eu estava com apenas dois pães para comer seco – porque presunto e queijo e manteigas eram proibidas pois eram desnecessários. O mundo só fazia o que tinha que fazer. Não tinha artes, não tinha música, não tinha teatro, não tinha nem baile pra ir. O mundo era tipo um filme antigo do... Não sei, não aprendi cinema na escola, e todas as fitas e arquivos foram queimados para se fazer coisas úteis à vida.

Começou a chover, e logo a família em condição de rua correu para uma marquise, mas demorou um segundo para serem jogados de lá. Não tinham para onde ir, e eu não podia fazer nada, a não ser seguir para casa e comer meus pães secos.

E quando eu cheguei à casa, no portão um jornal preto e branco e preto e cinza. Meio molhado da chuva. Sem imagens, de leitura difícil, pois não havia cores. Apenas preto e branco e preto e cinza escorrendo pelas páginas.

Tranquei o portão, liguei a cerca elétrica, joguei fora o jornal. Era só mais da vida cotidiana ali escrito, em detalhes cruéis. Mas só porque é cruel também a vida, nesses tempos difíceis de vinte e sete de setembro.

Fiz café, sem açúcar – pois o açúcar está proibido. Acendi a luz de casa. Aí você deve estar pensando: abre a janela, não é melhor? Pois bem, as janelas estão proibidas. Eu poderia ir também comer na varanda, mas... Você já sabe... As varandas estão proibidas. Não pode ter plantas também, nem animais muito coloridos. A vida em vinte e sete de setembro tem que ser só o necessário.

Não cortei o pão, pois não pode colocar queijo, nem presunto, nem manteiga, nem requeijão... o pão já tem o que a gente precisa pra matar a fome.

Mas isso só porque hoje é vinte e sete de setembro. Amanhã... Amanhã será vinte e oito e eu farei tudo de novo.

**David Gomes**

Espírito-santense, estudante de psicologia.

E-mail: davis.gomis@gmail.com